

# REVISTA MARACANAN

**Dossiê**

## **Os lazaristas do Cosme Velho: política e prática educacional no Rio de Janeiro em dois tempos**

*The lazarists of Cosme Velho: educational policy and practice in Rio de Janeiro in two times*

**Jefferson de Almeida Pinto\***

Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

**Recebido em:** 19 ago. 2022.

**Aprovado em:** 13 dez. 2022.



---

\* Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, Campus Juiz de Fora. Doutor e Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense; graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor do Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (jeffersondealmeidapinto@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-7633-008X>

 <http://lattes.cnpq.br/5986501168280113>

## Resumo

Este artigo parte de um conjunto de documentos do Serviço Nacional de Informações (SNI) cujo alvo era o Colégio São Vicente de Paulo, situado no bairro Cosme Velho no Rio de Janeiro. Alguns professores e alunos aparecem na documentação, que passa a ser desqualificada como um centro de agitações e de ideias políticas ligadas ao comunismo. Partindo desses dados, problematizamos o artigo levando em consideração que a trajetória dos lazaristas no Brasil era entendida no século XIX justamente por seus aspectos conservadores. O estudo da documentação mostrou como essa mudança na proposta pedagógica da escola dos lazaristas se deu e como foi recebida sobretudo em meio a uma classe média que se valia de seus serviços educacionais em contexto de ditadura civil-militar brasileira e de sua abertura política nos anos 1980.

**Palavras-chave:** Documento de Medellín. Educação Libertadora. Ditadura Civil-Militar. Memória. Pauta Jornalística.

## Abstract

This article starts from a set of documents from the National Information Service (SNI) whose target was Colégio São Vicente de Paulo, located in the Cosme Velho neighborhood in Rio de Janeiro. Some teachers and students appear in the documentation, which is now disqualified as a center of agitation and political ideas linked to communism. Based on these data, we problematize the article taking into account that the trajectory of the Lazarists in Brazil was understood in the 19th century precisely because of its conservative aspects. The study of the documentation showed how this change in the pedagogical proposal of the school of the Lazaristas took place and how it was received mainly in the midst of a middle class that used its educational services in the context of the Brazilian civil-military dictatorship and its political opening in the years 1980.

**Keywords:** Medellín Document. Liberating Education. Civil-Military Dictatorship. Memory. Journalistic Agenda.

## Introdução

O Colégio São Vicente de Paulo tem sido identificado como núcleo de ação esquerdista junto aos estudantes secundaristas. A filosofia educacional da Instituição, coerente com a tradição dos padres lazaristas, tem sido a de ministrar uma educação que corresponda ao objetivo da Igreja, qual seja, o da Educação Libertadora, definido pelos bispos latino-americanos, em MEDELLÍN/COLÔMBIA, e explicitados em PUEBLA (AN, 1984).

Para quem já há alguns anos vem pesquisando sobre a relação dos lazaristas com as instituições políticas no Brasil, a citação acima, coligida de um processo aberto pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) no ano de 1984, nos leva a alguns apontamentos. Um deles nos mostra como a filosofia educacional da Congregação da Missão esteve em pauta e sob os olhares atentos da imprensa e dos governos, ao menos em dois momentos da história política brasileira. Voltando ao processo do SNI, algumas linhas mais adiante, o agente escreve:

O referido educandário, sob direção anterior do Padre José Pires de Almeida, ficou conhecido por suas posições liberais e pelo ensino ministrado por elementos adeptos da Teologia da Libertação, adotando uma filosofia de transmissão aos adolescentes, sob sua responsabilidade, de uma visão crítica capaz e fazê-los agentes de transformação social (AN, 1984).

Vejamos que os lazaristas e os professores de sua escola à Rua das Laranjeiras, 241, no bairro Cosme Velho do Rio de Janeiro são vistos como liberais demais, se não nos costumes, ao menos no modo como entender a educação naquelas décadas pós-Concílio Vaticano II (1962-1965), o que influenciava os alunos sobretudo em um contexto de abertura política, estando o país há pouco mais de um ano a retomar a vida democrática. O estímulo aos estudantes a participar de tomadas de decisão na escola, entre representações de turma e grêmios estudantis, era visto como “prática de elementos esquerdistas” tendo como célula principal um grupo de professores que levantavam essa bandeira na sua prática pedagógica, conforme diz o SNI:

O Colégio [...] possui uma estrutura subversiva bem organizada, atuante, seguindo integralmente as diretrizes atuais para o Movimento Estudantil, como a utilização das diversas atividades artísticas e culturais – cineclube, teatro, jornal universitário, jornal mural, sarau, semana do folclore – como instrumento de doutrinação ideológica, conforme preconiza o documento “A Política do PCB para a Juventude” (AN, 1977).

Retomaremos essa história mais adiante, mas por ora gostaríamos de chamar atenção para essa aparente “guinada” da educação lazarista. Isto porque no século XIX, a educação dos lazaristas também era pautada na imprensa e em outros setores políticos do Império, mas por deslizar para o conservadorismo, isto é, por “inculcar” uma espécie de “fanatismo religioso” nas crianças que ficavam sob sua guarda em suas escolas (GAZETA DE NOTÍCIAS, 11 out. 1875). A acusação que lhes era feita, ainda sob o ponto de vista político, era a de que lhes faltava a liberalidade nos costumes, que era necessária às transformações pelas quais passava o Império

do Brasil na segunda metade do século XIX. Naquela época, a prática pedagógica nas escolas em que se encontravam os lazaristas era entendida como voltada para pensar e defender a supremacia da Igreja e do papa frente aos governos, portanto, antirregalista, atribuindo-lhes a pecha desqualificante de jesuitismo e de ultramontanos (Cf.: PINTO, 2016).

## **A pedagogia lazarista no século XIX e suas memórias na primeira metade do século XX**

Essa discussão de que os lazaristas “inoculavam” práticas de jesuitismo na sociedade oitocentista, sobretudo a sociedade da Corte nos acenou, portanto, para um problema que deveria ser melhor investigado. Afinal, qual seria a relação dos lazaristas com os jesuítas a fim de que estes fossem tão mal vistos por estarem ao lado do ultramontanismo? Até onde sabíamos, os lazaristas trabalhavam sob o cetro dos reis de Portugal e do Brasil e, ao contrário, os jesuítas confrontavam-se com a perspectiva regalista, que se acentuou sobretudo no século XVIII a partir das reformas inspiradas na doutrina liberal que pretensamente forçava o papa ao poder temporal. Sinal, portanto, de que um “corte”, uma “sangria” ou uma “escavação” mais profunda nessa história deveria ser feita pelo historiador (Cf.: PINTO, 2020).

Pensar essas questões nos levava necessariamente ao levantamento do que já havia sido escrito sobre a história da Congregação da Missão. Decerto, o que se vai encontrar é uma bibliografia em que a escrita da história dos lazaristas é feita a partir dos personagens que fazem ou fizeram parte de seus seminários, sobretudo ao longo dos séculos XIX e XX. Nesse sentido, é interessante levar em consideração o imaginário que se tinha sobre a educação lazarista no Brasil, sobretudo os rigores com que os padres ensinavam e que se refletiam nas famílias do século XX como sinônimo de uma educação de qualidade, principalmente se levarmos em consideração a educação ministrada ao longo do século XIX e nas primeiras décadas do século XX no Colégio do Caraça (ANDRADE, 2000, p. 41). As memórias de vários ex-alunos confirmam esse clima que misturava educação e disciplina:

Comentava-se muito entre os estudantes o severíssimo regime do Colégio do Caraça de então. Dizia-se que naquele estabelecimento os alunos eram barbaramente espancados pela falta mais leve. Essas afirmações eram naturalmente exageradas. O fato é que o Caraça tinha uma fama terrível, de sombrio cemitério dos vivos. A ameaça de um pai a um filho insubordinado, de mandá-lo para aquele seminário, equivalia a quase uma ameaça de morte (BRANT, p. 30 *apud* ANDRADE, 2000, p. 117).

O ex-presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976) refletiria também esse imaginário ao receber logo no início de seu mandato, no Palácio das Laranjeiras, em 1956, os padres que desejavam então abrir o Colégio São Vicente no Cosme Velho. Na ocasião, JK fez questão de lembrar suas próprias matrizes educacionais na cidade de Diamantina (MG), e que havia também estudado no seminário dos lazaristas pelos idos de 1914, assim como Dom Helder Câmara (1909-1999), lembrou o presidente (AN, 1956).

A missão lazarista no Brasil já era centenária, conforme disse JK. E essa atuação na área educacional também cabia às “borboletas brancas”, no caso, as Irmãs da Caridade de São Vicente de Paulo, que foram responsáveis pela gestão de muitas instituições no Brasil desde 1848, quando chegaram ao Império por intermédio do bispo de Mariana (MG), o lazarista Dom Viçoso (1787-1875).

**Figura 1** – Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1960), no Palácio das Laranjeiras, recebe em audiência padres lazaristas (Rio de Janeiro, RJ).



Fonte: Arquivo Nacional (AN, 1959).

**Quadro 1** – Instituições geridas pelas Irmãs da Caridade no Brasil.

<b>Instituição</b>	<b>Localização</b>	<b>Observação</b>
Asilo de Santa Maria	Rio de Janeiro (RJ)	
Asilo Santa Leopoldina	Niterói (RJ)	
Casa dos Expostos	Rio de Janeiro (RJ)	
Colégio Imaculada Conceição	Praia de Botafogo (RJ)	
Colégio Santa Isabel e Escola Normal	Petrópolis (RJ)	
Colégio São Vicente de Paulo	Alto do Matoso (RJ)	
Hospício Nossa Senhora da Saúde (Antiga Casa de Saúde do Dr. Peixoto)	Rio de Janeiro (RJ)	
Hospício Nossa Senhora das Dores	Cascadura (RJ)	Dependência da Misericórdia para tuberculosas
Hospício Pedro II	Rio de Janeiro (RJ)	Saíram por ordem do governo provisório da República
Hospício Pedro II	Recife (PE)	
Hospital dos Lázaros	Rio de Janeiro (RJ)	
Hospital Geral da Misericórdia	Rio de Janeiro (RJ)	
Hospital Militar	Rio de Janeiro (RJ)	
Hospital São Zacarias	Morro do Castelo (RJ)	Obra encerrada com a demolição do logradouro no início do século XX
Hospital, Colégio e Escola Normal	São João Del Rei (MG)	

Fonte: Arquivo Nacional (AN, 1933).

Acreditamos que essas referências “saudáveis” sobre a atuação educacional dos lazaristas no Brasil do século XIX possam ser pensadas e entendidas a partir de publicações que no transcorrer do século XX circularam e cuidaram da construção da memória e da história dos lazaristas no Brasil (BARROS, 2022, p. 33). A este respeito, vejamos o lançamento de Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana e conde da Conceição, de autoria de Dom Silvério Gomes Pimenta (1840-1922), sucessor de Dom Viçoso na Diocese de Mariana, cuja primeira edição data de 1876, a segunda de 1892, a terceira de 1920 e, recentemente, uma quarta edição foi lançada em 2020 (PIMENTA, 1876). Para que tenhamos uma ideia desse ímpeto editorial de Dom Silvério – e do ímpeto editorial das tipografias da Diocese de Mariana –, é possível encontrar, entre cartas pastorais, orações, livros, biografias e respostas à maçonaria, quando da chamada “questão religiosa” na qual os lazaristas estiveram direta e indiretamente envolvidos, publicações, no intervalo de 1872 a 1908, no acervo da Biblioteca Nacional, tratando

da situação da Igreja no Brasil, dos lazaristas e dos efeitos das “querelas” da “questão religiosa” imperial da década de 1870.

O que nos parece é que essas publicações oriundas das tipografias e da pena de autores lazaristas serviram de referência para um período em que a Igreja Católica se reajustava no Brasil republicano e buscava caminhos novos para sua pastoral (MAINWARING, 2004, p. 43). Decerto, esse é um assunto bem complexo e merece uma pesquisa mais aprofundada, mas é importante pensar que, num contexto em que a Cúria buscava estratégias para se reaproximar da política e dos intelectuais, os exemplos bibliográficos editados pelas tipografias dos lazaristas, serviram bem mais de exemplos edificantes para a cristandade do que as publicações financiadas sobretudo pela maçonaria do século XIX e que detratavam o trabalho do clero ultramontano e da educação vicentina (MICELI, 1988, p. 82). A imprensa católica do século XX, capitaneadas pela revista *A Ordem* e pela *Revista Eclesiástica Brasileira*, cuidam de divulgar as trajetórias e de representar as “epopeias” dos institutos religiosos no Brasil de modo a se pensar estrategicamente a ligação entre o catolicismo e a formação histórica brasileira.

O ultramontanismo do século XIX seria nesse periodismo um elemento qualificador da ação da Igreja e de seus institutos religiosos e serviria de base, sobretudo em relação ao tema da história da Igreja, para que outros estudos viessem a ser realizados na segunda metade do século XX. Intelectuais de grande circulação pela imprensa como seria o caso de Jackson de Figueiredo Martins (1891-1928), Alceu Amoroso Lima (1893-1983) e outro não muito citado, Gilberto Freyre (1900-1987) (PALLARES-BURKE, 2005, p. 57) e pelas instituições de ensino superior, estariam referendando essa reaproximação entre intelectuais e o altar, assim como, por exemplo, vários outros nomes do campo do direito que rediscutiam a filosofia jurídica sob a perspectiva neotomista, então tida por oficial por parte do pontificado romano já desde fins do século XIX (SILVA, 2011, p. 178).

## **A pedagogia lazarista do Cosme Velho**

O desenrolar do século XX, entretanto, levaria a Igreja a repensar sua posição frente aos novos tempos, sobretudo com a pretensa ruptura marcada com o conclave que escolheria Angelo Roncalli (1881-1963), papa João XXIII (1958-1963). Os caminhos assumidos pela Cúria Romana a partir do Concílio Ecumênico, o Vaticano II, convocado pelo pontífice, seriam relevantes mais uma vez nessa relação entre a Igreja e a intelectualidade, afinada naqueles tempos com as ideias políticas que se movimentavam no pós-Segunda Guerra, o que acabaria por influenciar metodologicamente na produção de estudos que repensariam a escrita da história da Igreja no Brasil no século XX. Neste quadro, podemos identificar a produção ligada à Comissão para o Estudo da Igreja na América Latina e no Caribe (Cehila) (Cf.: ASSMANN, 2009).

Fundada em 1973 no plano das ideias e ações da Igreja definidas a partir de Medellín e Puebla, a proposta da Cehila foi a de estudar a história da Igreja latino-americana de forma ecumênica e estruturada numa metodologia que olhava para os oprimidos do continente. Para

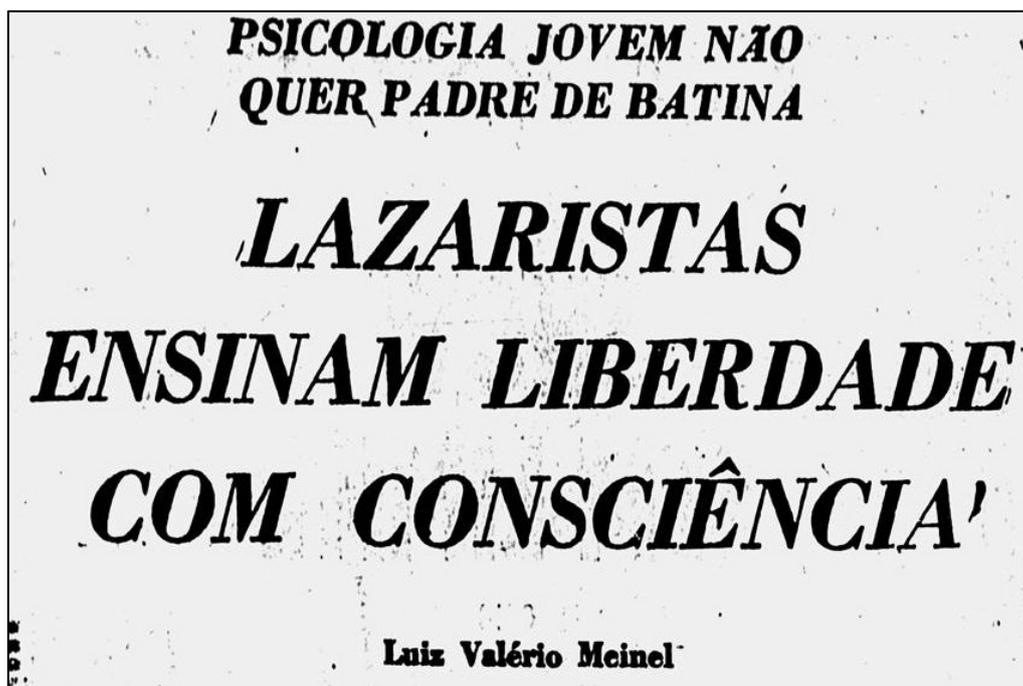
a historiografia brasileira, os anos 1970 seriam produtivos tendo em vista a atuação de intelectuais de formação eclesial que, além da teologia, possuíam formação ou atuavam em outras humanidades, entre as quais a história. A ideia de postura crítica, como é descrito nas referências constitutivas da própria organização, pode ser entendida a partir de um contexto em que a América Latina e o Caribe entendem a sua condição de terceiro mundo como um reflexo da exploração colonial e imperialista. Essa proposta da escrita da história da Igreja Católica no Brasil a partir do povo gerou encontros e debates sobre o tema, o que, como é sabido, também seria objeto da vigilância do SNI.

Entre 19 e 23 de julho de 1982, foi realizado em Belo Horizonte, no Noviciado da Santíssima Trindade, o 3º Encontro Nacional sobre História da Igreja no Brasil. Diferentemente dos temas laudatórios vinculados ao projeto ultramontano oitocentista que povoavam os escritos sobre a instituição no Brasil, o que se identifica é um ciclo de debates preparatórios para o evento trazendo a discussão “Fé e política”, sendo abordados por diferentes lideranças os temas: “Os riscos dos partidos políticos em dividir o povo”, “A política e os partidos antes de 1964”, “A política do regime autoritário”, “A maneira de o povo fazer política nos anos de repressão”, “Tentativas de dividir e controlar o movimento popular” e “O desafio diante de nós”. O evento foi vigiado pelos agentes do SNI, que descreveram as ações e reações de seus participantes e as ideias que defendiam ao listar a relação de obras comercializadas durante o certame (AN, 1982).

Portanto, a partir da década de 1960, a Igreja buscava se entender, agora, com a modernidade do século XX, bem como se situar frente aos desafios do capitalismo num contexto de Guerra Fria. O que se colocava, para além das questões rituais enfrentadas pelos padres nos mais diversos recônditos, sobretudo do chamado “terceiro mundo”, era a forma de lidar com a pobreza. O clero da América Latina, como apontado na citação introdutória deste texto, iria se orientar para que atuasse em defesa dos mais pobres, dos sistemas democráticos, enfim, em torno da garantia da liberdade e em consonância com a cultura política daquela segunda metade do século XX. Essa diretriz se fez sentir diretamente na pedagogia adotada pelos lazaristas em seu Colégio do Cosme Velho, o que nos permite pensar a própria relação da Congregação da Missão em diferentes épocas, mas mantendo-se alinhada às diretrizes pontificais e conciliares em dois tempos.

Vejamos um pouco mais como as fontes nos mostram esse processo:

**Figura 2** – Manchete do Correio da Manhã sobre a pedagogia do Colégio São Vicente.



Fonte: AFBN, *Correio da Manhã* (13 ago. 1967).

A manchete acima nos é indicativa dos novos tempos que rodeavam a pedagogia dos lazaristas. A reportagem é do jornalista investigativo Luiz Valério Meinel (1940-1997) sobre o dia a dia no Colégio São Vicente em página inteira do jornal *Correio da Manhã*, um dos periódicos de grande circulação do Rio de Janeiro àquela época. Naquele ano de 1967, oito lazaristas de formação atuavam diretamente na docência, apoiados por “professoras e professores” contratados na educação e aproximadamente 500 alunos, sob direção dos padres Marçal Versiani dos Anjos (1927-1999) e José Pires de Almeida. A fundação do Colégio São Vicente era entendida como relevante para a saúde financeira dos lazaristas no Brasil, uma vez que os baixos salários que os padres recebiam em outras escolas e que eram repassados à Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM) não estavam sendo suficientes para sua manutenção.

Entrevistando o padre e professor João Soares, que lecionava matemática e religião, este explicou a necessidade de mudanças enfrentada pelos lazaristas, no sentido de se aproximar do tempo histórico e dos estudantes que frequentavam a escola, e nesse sentido ao não usar a “gloriosa sotaina” ou mesmo o *clergyman*, a roupa comum “humanizava” o padre e o aproximava de uma juventude carioca cujo vocabulário marcado por gírias mostrava sua descontração e alegria. O futebol, o cinema, o chope, o cigarro, entre os padres, os cabelos compridos entre os meninos e as “brincadeiras” – a que hoje chamamos de *bullying* – davam também indicativos dos novos tempos que os lazaristas viviam no Brasil, mas também as reuniões com os pais, a atividade do grêmio estudantil regido pelos próprios alunos, que escolhem seus representantes, a quinzena do livro, as palestras, os filmes, as visitas às favelas e a educação religiosa não curricular contribuía para aproximar o estudante e sua família da escola, bem como o

estudante da própria realidade capitalista que o cercava, sobretudo em se tratando da classe média carioca que frequentava suas dependências (CORREIO DA MANHÃ, 13 ago. 1967, p. 13).

É relevante pensar ainda como essa pedagogia dos lazaristas pautava em diferentes veículos a imprensa carioca. Em agosto de 1964, portanto, com o país vitimado pelo golpe civil-militar de 31 de março, o Jornal do Brasil destacava a participação democrática dos estudantes do Colégio São Vicente que, munidos de título eleitoral, participaram do plebiscito para confirmar a diretoria do grêmio estudantil empossada pela direção que, algum tempo antes, diz ter destituído a diretoria anterior que não estava trabalhando para os interesses estudantis (JORNAL DO BRASIL, 15 ago. 1964, p. 13). Já em 1965, no primeiro caderno no mesmo Jornal do Brasil e em edição de domingo, estampava-se a manchete "Eleição do Grêmio prepara os alunos do São Vicente de Paulo para a sociedade", trazendo os detalhes do processo de escolha de representantes estudantis da instituição. Essa eleição foi caracterizada como *sui generis* pelo JB, uma vez que contava com a participação de partidos, embora sem a definição de situação ou oposição, mas que de uma maneira muito bem estruturada, eram fundados com um número mínimo de assinaturas e elegiam seus representantes para o executivo e o legislativo do grêmio estudantil (JORNAL DO BRASIL, 4 abr. 1965, p. 20).

Outra passagem sintomática dessa pedagogia esteve marcada com a presença do padre canadense Paulo Eugênio Charbonneau (1925-1987) pelo Cosme Velho. Charbonneau fazia parte da Igreja militante dos anos 1960 e se dedicava à pregação de sua doutrina social entre operários. Estava no auditório do Colégio São Vicente para falar a cerca de 100 casais católicos sobre problemas conjugais e criação dos filhos, dando prosseguimento a outros temas também trabalhados em outras instituições onde já havia abordado a "responsabilidade recíproca na busca da felicidade, hierarquia de valores na vida conjugal, amor e casamento, harmonia psicológica, harmonia sexual e vida conjugal e educação dos filhos" (JORNAL DO BRASIL, 7 nov. 1965, p. 22). Apresentando-se muito à vontade, seja nos trajes e trejeitos, seja na própria linguagem, traçou um panorama da atuação do clero brasileiro nas primeiras décadas do século XX, procurando mostrar o que havia se perdido naquela tradição inventada e que não seria mais necessária nos tempos que se viviam.

É importante entender o sentido da presença do padre Charbonneau para a prática educacional que os lazaristas estavam assumindo naqueles tempos. O palestrante era autor de alguns livros que já haviam sido publicados no Brasil: O sentido cristão do casamento, Limitação do nascimento e Cristianismo, sociedade e revolução. Este último foi "proibido" pelo bispo de Campos (RJ) Antônio de Castro Mayer (1904-1991), crítico do reformismo e dos aspectos progressistas pós-conciliares assumidos pela Igreja Católica. Segundo Charbonneau, o problema estava em sua defesa do socialismo como forma de manifestação política e na crítica que faz ao livro de Castro Mayer e de Dom Eugênio Sigaud (1899-1979) a respeito da reforma agrária e questão de consciência. Para aquele contexto, percebe-se a profundidade do pensamento de Charbonneau ao entender a moralidade da laqueadura, bem como a possibilidade do uso de

anticoncepcionais, tal como apresentava no livro Limitação de nascimentos e para uma plateia de casais (católicos) para a qual falava (*Idem*).

Esse caminhar em direção à modernidade se acentuaria em 1967 quando o Colégio São Vicente seria palco de um encontro da cúpula da Congregação da Missão voltado para discussão dos métodos de atuação e sua adequação aos novos tempos. Nesse ano, havia três bispos lazaristas atuando no Brasil, 140 padres, 24 irmãos leigos, 14 casas, sendo três colégios, quatro paróquias, uma casa de missões populares, dois seminários e duas casas próprias de formação lazarista. A proposta daquele encontro estava bem clara em relação ao que propôs anos antes o Concílio Vaticano II, procurando entender o lugar de Deus na realidade do mundo contemporâneo, portanto, no mundo da Guerra Fria e em contexto de descolonização, no qual a realidade brasileira se inseria. Assim também, procuravam os lazaristas responder à pergunta central formulada pelo padre José Paulo Sales, provincial da Congregação, qual seja: “*O que São Vicente pede de nós no Brasil de hoje*”? Os debates giraram em torno dos seguintes temas:

- 1) Novo conceito de Deus;
- 2) Inserção dos religiosos na Pastoral de Conjunto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil;
- 3) Evolução do conceito de pastoral;
- 4) Formas históricas das comunidades religiosas através dos tempos;
- 5) Exigências e desafios da realidade brasileira ao testemunho e à ação dos religiosos; e,
- 6) Análise histórico-crítica da província brasileira (JORNAL DO BRASIL, 2 jul. 1967, p. 18).

Dez dias depois do encontro no Colégio São Vicente foi feita uma confraternização no Santuário de Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa com a participação da Companhia das Irmãs Filhas da Caridade para encerrar as discussões. Sintomático, num país em que a questão agrária se apresentava viva e tensa, foi a homenagem aos pobres nas missões interioranas com as quais os lazaristas trabalhavam há longo tempo. Interessante também é perceber as discussões em torno do alcance da educação católica por meio das escolas confessionais. Os lazaristas chegaram a questionar se as escolas da rede estavam realmente tendo o alcance que desejavam, uma vez que acabavam tocando somente uma classe média, não alcançando a maioria da população. Pensava-se, assim, na possibilidade de extinguir os colégios lazaristas e empregar os padres nas demais redes de ensino, onde poderiam se enraizar e ampliar o processo de evangelização que desejavam (JORNAL DO BRASIL, 21 jul. 1967, p. 14).

Entre 13 e 14 de novembro de 1976 destaca-se a presença do padre angolano Luiz Carlos Garcia de Castro que ministrou o curso “educação libertadora” na instituição. A motivação do curso fundava-se na “necessidade do professorado do Colégio se conscientizar da nova orientação que deverá nortear todas as atividades educativas”. Outros cursos com essa temática também seriam ministrados no Colégio da Imaculada Conceição, em Botafogo, também vinculado à rede vicentina de escolas (AN, 1977).

A discussão em torno da educação religiosa no âmbito da escola também chamava a atenção. Em 1977, algumas escolas católicas da cidade do Rio de Janeiro falaram a respeito do lugar e da função da educação religiosa em seus estabelecimentos. A temática foi impulsionada por algumas mães que levaram à Cúria Metropolitana reclamações quanto à forma como o tema estava sendo tratado nas escolas e em específico no Colégio São Vicente. Ao questionamento, o padre José Pires Almeida disse:

Os filhos estão tranquilos. Elas é que estão inseguras. Os pais é que necessitam de se aproximar da religião. Por isso, no próximo ano, vamos promover encontros de pais e mães durante os quais serão exercitados, não apenas na teoria, os valores cristãos. Temos certeza de que nossos alunos saem do Colégio com uma orientação correta (JORNAL DO BRASIL, 31 ago. 1977, Caderno B, p. 5).

Entendamos que estas mulheres e mães de classe média naquela década de 1970 tiveram suas formações escolares também em outras escolas católicas em um contexto em que a proposta educacional confessional ainda não estava articulada com as reformas conciliares do Vaticano II e tampouco com Documento Base de Medellín de 1968, segundo o qual

a educação deveria ser libertadora “para redimir-se das servidões injustas e, antes de tudo, do seu próprio egoísmo” (DOCUMENTO DE MEDELLÍN, p. 22). Este, aliás, estava fundamentando a fala do padre José Pires de Almeida para explicar àquelas mulheres que as aulas de religião onde se ensinava “o evangelho através do diálogo”, no Colégio São Vicente, não eram obrigatórias e não estavam relacionadas à aprovação ou reprovação dos estudantes. O próprio perfil dos docentes do colégio também influenciava esse aspecto, haja vista que dos cinco padres que trabalhavam no estabelecimento, nenhum atuava como docente naquele ano. Disse ainda Pires de Almeida sobre as mudanças relativas ao Documento de Medellín:

A fase de 1968/1969 foi das mais difíceis. Vimos que as aulas de religião, dadas intempestivamente, faziam mal aos alunos. Percebemos o efeito produtivo e fomos substituindo essa forma de ensino por um movimento global, com a intensificação da participação do aluno e, assim, despertando sua responsabilidade. [...]

Em outubro do ano passado (1976) os educadores católicos tiveram um encontro com o Cardeal. Na oportunidade, ele voltou a insistir no ensino da religião de acordo com o que é determinado em vários documentos da Igreja. No nosso caso, temos um grande número de alunos não católicos, especialmente no segundo grau. Temos também alunos oficialmente católicos que vivem num ambiente que não fez crescer sua fé. É o caso de famílias desajustadas, que atribuem o fato à falta de aulas de religião (JORNAL DO BRASIL, 31 ago. 1977, Caderno B, p. 5).

De maneira comparativa, a reportagem também ouviu outras coordenações de escolas católicas do Rio de Janeiro. No Colégio Santo Agostinho, no Leblon, “o dia começa depois das orações” e as aulas eram obrigatórias tanto no ensino “ginásial” como no “segundo grau” (BRASIL, 1971), e a reprovação impedia a renovação da matrícula para o ano seguinte, embora afirmasse o diretor padre João Manuel que houvesse na escola jovens e crianças de várias outras religiosidades que tinham a sua individualidade respeitada. Para as crianças ouvidas na reportagem,

as aulas de religião, embora chatas, não criam problemas, pois é mole ser aprovado. Não precisa nem estudar. É só prestar atenção às histórias que o padre conta e depois repetir na prova. Além disso, depois de geografia e história, uma aula de religião esfria a cabeça (JORNAL DO BRASIL, 31 ago. 1977, Caderno B, p. 5).

No Colégio São Bento, onde havia “educação, não educações” numa alusão a influências externas ditas laicistas sobre a educação, o ensino de religião também era obrigatório, fazendo parte do currículo de todas as séries e, embora não seja o objetivo a reprovação, o estudante deveria ter o mínimo para a aprovação. A resposta, por escrito, à reportagem, do diretor padre Lourenço de Almeida Prado, diz ainda que:

Suprimir o ensino da religião do convívio humano, como pretende o laicismo contemporâneo, é quase uma violência à natureza humana, pois é suprimir a mais alta expressão de sua [...] comunicabilidade. [...]  
A escola moderna está em crise. A escola laicizada dos nossos dias não sabe para que educa. Tirando Deus da escola, não é fácil dar um objetivo à educação. Educar para quê? Para a profissão? Para a cidadania? Para ser forte e sadio? Para a família (ou para o sexo)? Tudo isso pode ter um fim intermediário, mas não é um fim último (*Idem*).

Por fim, ouvido o diretor Canísio Melcher do Colégio Santo Inácio da Companhia de Jesus, na Rua São Clemente, que também exigiu que suas respostas ao repórter fossem dadas por escrito, disse que as aulas de religião eram obrigatórias com dois encontros semanais para cada turma em curso. Para Melcher, o ensino de religião “não se trata de terapia ocupacional” e qualquer outra razão desse nível em que venha a ser ministrado implicava um desvio na vocação da missão religiosa (JORNAL DO BRASIL, 31 ago. 1977, Caderno B, p. 5).

Pelas respostas expressas à reportagem, é possível perceber a proposta pedagógica assumida pelos lazaristas do Cosme Velho alvo, portanto, das investigações do SNI. Entretanto, esse direcionamento teria algumas consequências. Ao final do ano letivo de 1983, dez professores da escola foram demitidos pela direção que àquele tempo estava a cargo do padre Lauro Palú. O fato é que sob o olhar de alunos, pais e mestres, essas demissões estavam justificadas pela postura política assumida pelos docentes o que acabou gerando um movimento de contestação à gestão escolar e à Congregação da Missão nunca antes vivenciado no Cosme Velho. Essas resistências é que levaram o SNI à montagem do processo de 1984 que usamos em epígrafe neste estudo. Passamos a entendê-lo um pouco mais.

## **A efervescência dos anos 1980 e o olhar do SNI sobre os estudantes do Cosme Velho**

Já no início dos anos 1980, registra-se que o padre Lauro Palú (Cf.: JORNAL DO BRASIL, 7 set. 1981, p. 6) já estaria à frente da direção do estabelecimento. A presença do padre Palú não é indicativa de uma ruptura com a proposta pedagógica do Colégio São Vicente. O próprio SNI relata em uma de suas investigações a circulação do diretor pelas dependências da escola divulgando o curso “Formação integral”, cuja demanda havia nascido de ciclos de debates em

1980, quando os alunos manifestaram interesse por “formação sexual, repressão na família, aborto, relações pré-matrimoniais, tóxicos, greves no ABC Paulista e a Igreja, terrorismo, religião e mito, religião e prática, ciência e religião, criacionismo e evolução, Cristo e Marx e relação da juventude com Deus” (AN, 1981).

Alvo de reclamações quanto a uma possível “infiltração comunista” no Cosme Velho, a pedagogia do Colégio já havia sido objeto de reclamações de alguns pais nos anos 1970. Anos mais tarde, a editoria “Igrejas” do Jornal do Brasil, em seu primeiro caderno, dá voz a estudantes insatisfeitos com o chamado “dirigismo ideológico” presente na educação carioca e em específico no Colégio São Vicente. A pauta foi construída em torno de um estudante de 16 anos que, em conjunto com outros cinco colegas, ficou incumbido de elaborar um trabalho para a disciplina de geografia, cujo tema escolhido foi Cuba. No entendimento dos alunos, a bibliografia indicada pelo professor era favorável ao regime de Fidel Castro (1926-2016), isto é, *A ilha* de Fernando Morais, e *Cuba de Fidel* de Ignácio de Loyola Brandão. Partiram então à procura de depoimentos de viajantes que viveram em Havana e da pesquisa em jornais da cidade no intuito de contrapor as visões que lhes eram apresentadas (JORNAL DO BRASIL, 6 dez. 1981, p. 38).

Questionado, Padre Palú respondeu à reportagem do JB dizendo que o Colégio São Vicente prezava pelo pluralismo, pela liberdade de cátedra, embora seguindo as diretrizes da CNBB, e pela consciência crítica dos alunos, sem que fosse criado nos discentes um espírito de “esquerda festiva” (JORNAL DO BRASIL, 6 dez. 1981, p. 38). Fato é que politicamente o Brasil vivia um clima de efervescência naquele início dos anos 1980, haja vista que a Lei da Anistia (BRASIL, 1979) anunciava uma possível abertura que colocaria fim à ditadura civil-militar e traria de volta as eleições diretas para presidência da República. A prática educacional fundada pelo Colégio São Vicente de certa forma contribuía para esse ambiente de expectativa em relação às possíveis transformações políticas que viriam e as próprias expectativas daquela juventude que cresceu no ambiente democrático do Colégio e que ainda não havia experimentado a democracia em sua plenitude.

Em 1982, um ciclo de debates sobre a América Latina no século XX foi promovido na instituição com os seguintes temas: “México: a revolução institucionalizada”; “A Argentina e o peronismo”; “A revolução cubana e a repressão no Cone Sul” (JORNAL DO BRASIL, 9 maio 1982, p. 38). “O Brasil dos anos 1920 e 1930: mudanças socioeconômicas e ideológicas” também foi um tema abordado nesses debates, cujos organizadores foram os professores Rubim Aquino (1929-2013), Nivaldo de Jesus e Oscar Campos Lopes, que então encamparam algumas publicações de referência para professores e para o ensino de história no Brasil: *História das sociedades americanas*; *História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais*; *História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais*, entre outras (Cf.: AQUINO, 2008).

Estes seriam alguns dos dez professores demitidos em fins de 1983, o que acabou desencadeando um movimento de insatisfação nunca antes visto com o Colégio São Vicente de Paulo. No Natal daquele ano, foi realizada uma ceia da vigília no pátio da escola que contou com

a participação de cerca de 400 pessoas, entre alunos, ex-alunos, pais e professores que exigiam a recontração dos professores demitidos pelo padre Palú (JORNAL DO BRASIL, 26 dez. 1983, p. 4). O professor Rubim Aquino, que há dez anos lecionava História para o “segundo grau”, disse que o motivo das demissões não era administrativo, como afirmava a direção do colégio, e sim político.

O Colégio foi fundado dentro de uma filosofia de educação libertadora, baseada no diálogo e na compreensão da realidade. Mas agora esse diálogo não é mais aceito e o diretor se recusa a receber os alunos e seus pais. Na véspera das demissões afirmava e garantia que não haveria demissões (JORNAL DO BRASIL, 26 dez. 1983, p. 4).

A própria forma como os estudantes se manifestava naquela ocasião, que ia de esquetes teatrais a saraus, portanto, expressões artísticas e culturais que vivenciaram na sua formação escolar orientavam a forma como se expressavam contra aquele ato da administração do Colégio. A resistência imposta por este grupo levou à manifestação pública do superior provincial da Congregação da Missão, padre Alpheu Ferreira, que em carta aberta à comunidade escolar publicada na imprensa garantia a continuidade da filosofia educacional libertadora a que os lazaristas haviam se filiado na década de 1960 e pedia a todos bom senso para que a vigília se encerrasse (JORNAL DO BRASIL, 27 dez. 1983, p. 6). Mas foi em vão... Ainda em 5 de janeiro de 1984, 1.000 pessoas já estavam inseridas na vigília e permaneceram em assembleia à luz de velas quando foi solicitada a demissão do padre Lauro Palú, considerado “incapaz como diretor e educador” (JORNAL DO BRASIL, 5 jan. 1984, p. 5).

Tão logo o movimento foi se estendendo, a grande imprensa procurou instaurar o discurso de que o movimento se tratava de uma “balbúrdia” liderada por elementos que nada tinham a ver com a instituição e ainda por uma minoria de estudantes e que por se tratar de uma instituição privada não cabia aquela movimentação em assembleia, típica dos sindicatos e associações classistas, dizia O Globo, transcrito pelo JB (JORNAL DO BRASIL, 7 de jan. 1984). Em nota, o superior da Congregação da Missão escrevia mais uma vez:

Lutamos, desde o início do Colégio São Vicente de Paulo, para realizar uma educação que correspondesse aos objetivos da Igreja. A proposta da Educação Libertadora, definida pelos Bispos Latino-Americanos em Medellín e explicitada em Puebla, é mais do que educar em liberdade. Trata-se de educar pela formação de uma consciência crítica e pelo desenvolvimento da liberdade pessoal (JORNAL DO BRASIL, 18 jan. 1984, p. 6).

Talvez a questão central que conduzia a vigília dos estudantes era o fato de que a forma como haviam se dado as demissões, isto é, de maneira unilateral, contrariava a tradição libertadora e participativa que pautava a relação entre os padres, professores e alunos desde a fundação da instituição. Insatisfeitos com a intransigência da direção do padre Palú e insensibilidade da própria Congregação da Missão, cerca de 200 estudantes providenciaram sua transferência do Colégio São Vicente para o Colégio Anísio Teixeira, em Santa Teresa, para onde dizia-se que os docentes demitidos estavam se transferindo, e prometiam abrir o “segundo

grau”, replicando o modelo democrático em que estudantes, pais e professores participavam da gestão escolar (AN, 1984).

**Figura 3** – Colégio São Vicente de Paulo (Cosme Velho, Rio de Janeiro, RJ)



Fonte: Fotografia de Gilson Barreto. AFBN, *Jornal do Brasil* (23 nov. 1984, p. 8).

Ao longo de 1984, as coisas foram se acalmando e era preciso garantir a sobrevivência financeira e sobretudo simbólica que a instituição tinha para a educação no Rio de Janeiro. O próprio *JB* cuidou de tentar trabalhar a imagem do Colégio São Vicente desgastada frente ao episódio das demissões e da vigília do início de 1984. Em uma grande reportagem publicada no fim daquele mesmo ano, sua trajetória e memória são recuperadas, sua proposta educacional é ressaltada e os depoimentos de ex-alunos confirmam a relevância do Colégio São Vicente em sua formação profissional, tal como afirmou a entrevistada e jornalista Lilia Coelho: “Até hoje estou ligada emocionalmente ao São Vicente. Foi ele que me recebeu de portas abertas e adolescente rebelde que eu era. Foi ele que me ensinou a ser responsável por mim mesma. Isso sem contar as recordações maravilhosas que ficaram” (JORNAL DO BRASIL, 23 nov. 1984, p. 8).

### **Considerações finais**

No século XIX, os lazaristas eram papistas, isto é, seguiam as diretrizes do Concílio Vaticano I e se colocavam à frente da defesa dos interesses da Igreja em relação ao Regalismo imperial. E esta nos parece ser uma característica de seus missionários ao longo de sua história. Como nos mostra Seán Alexander Smith, a Congregação da Missão não se aproximou da atividade política e, quando o fez, teve problemas quanto à gestão das missões nas quais esteve

investida na França do século XVII. Já quando, no século seguinte, se responsabilizou pelas missões jesuíticas no reino português, procurou conciliar os aspectos políticos com as necessidades missionárias inscritas no plano da cultura religiosa que se edificara em Portugal, fazendo as devidas apropriações desta (SMITH, 2016).

Essa característica disciplinar e ao mesmo tempo pragmática, isto é, capaz de conciliar a cultura religiosa com a cultura política, fez da Congregação da Missão um instituto religioso próspero no Brasil do século XIX. Evidentemente, isto trouxe dissabores para os lazaristas, que sofriam com a desqualificação, sendo-lhes atribuídos epítetos nada edificantes para aquelas últimas décadas do século XIX. O fato é que a “pena” para a escrita de sua história, que os lazaristas souberam bem manejar, serviu para construir uma memória positiva de si, sobretudo em relação à sua contribuição no campo educacional. Nos anos 1930, quando o projeto de reaproximação entre Igreja e Estado estava em curso, momentos simbólicos como a construção do monumento ao Cristo Redentor no Rio de Janeiro, que contou com o apoio do governo provisório de Getúlio Vargas, tinham por bastidores a atuação de um lazarista francês (SERBIN, 2008, p. 100).

Kenneth Serbin também indica a saída dos lazaristas desse campo disciplinar, passando a dialogar mais com o mundo em que se vivia no século XX. Em outros espaços de convivência e formação lazarista, mais uma vez eles são desqualificados pela relação entre suas ideias políticas e as diretrizes pontificais e conciliares (SERBIN, 2008, p. 189). O que quero dizer é que em dois tempos, isto é, no Brasil do século XIX e no Brasil a partir dos anos 1960, os lazaristas foram papistas. Mas foram papistas conforme os papas queriam direcionar os seus pontificados. Vejamos: a imprensa nos mostra nesses dois momentos que a Congregação da Missão direcionou sua atuação pastoral para aquilo que orientou os dois eventos conciliares. Assim sendo, no século XIX, o campo político imperial creditava à postura dos lazaristas um possível disciplinamento da juventude brasileira para o conservadorismo católico que se ditava com o ultramontanismo. Verdade ou não, o que se tem de prático é que os lazaristas eram constantemente desqualificados pela prática de jesuitismo e, como dissemos, isso era visto como algo ruim para aquele contexto.

O que se apresenta são duas formas diferentes de se lidar com a modernidade. Um dos espaços em que se via a modernidade era a escola. Num primeiro momento, a escola oitocentista se cuida para que não seja afetada, voltando-se a uma pedagogia disciplinadora, como ficaria marcado, por exemplo, no caso dos alunos do Caraça em Minas Gerais, afora os inúmeros documentos que insinuam o cerceamento da liberdade de pensamento, de entendimento da modernidade oitocentista no âmbito das escolas lazaristas. No século XX, ao contrário, a escola é aberta às vicissitudes daquele tempo e os lazaristas se propõem a entender e a dialogar com elas. Mas era um diálogo orientado de fora para dentro, isto é, uma Igreja que, mesmo que parcialmente, buscava abrir as janelas para a modernidade. Os efeitos disso podem ser sentidos na prática pedagógica do Colégio São Vicente do Rio de Janeiro, que acabou por não escapar

das críticas do campo conservador que, ainda no tempo em que escrevemos este texto, refutam com os mesmos argumentos as práticas pedagógicas progressistas dos docentes do Brasil.

## Referências

### Documentos

BIBLIOTECA NACIONAL [AFBN]

*Correio da Manhã*, 13 de agosto de 1967. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_07/84724](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/84724). Acesso em: 23 jun. 2022.

Educação e balbúrdia transcrito, de *O Globo*, 6 de janeiro de 1985. In: *Jornal do Brasil*, 7 de janeiro de 1984. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/112547](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/112547). Acesso em: 23 jun. 2022.

*Gazeta de Notícias*, 11 de outubro de 1875, p. 3, cols. 4-5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_01/288](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_01/288). Acesso em: 24 jul. 2022.

*Jornal do Brasil*, 15 de agosto de 1964, p. 13, cols. 3-4. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/56998](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/56998). Acesso em: 23 jun. 2022.

*Jornal do Brasil*, 18 de janeiro de 1984, p. 6, col. 4. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/113188](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/113188). Acesso em: 23 jun. 2022.

*Jornal do Brasil*, 2 de julho de 1967, p. 18, cols. 1-2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/101521](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/101521). Acesso em: 23 jun. 2022.

*Jornal do Brasil*, 21 de julho de 1967, p. 14, cols. 6-7. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/102359](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/102359). Acesso em: 23 jun. 2022.

*Jornal do Brasil*, 23 de novembro de 1984, p. 8, col. 1-5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/131315](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/131315). Acesso em: 23 jun. 2022.

*Jornal do Brasil*, 26 de dezembro de 1983, p. 4, cols. 4-5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/112073](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/112073). Acesso em: 23 jun. 2022.

*Jornal do Brasil*, 27 de dezembro de 1983, p. 6, col. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/112109](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/112109). Acesso em: 23 jun. 2022.

*Jornal do Brasil*, 31 de agosto de 1977, "Caderno B", p. 5, col. 1-6. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/104825](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/104825). Acesso em: 23 jun. 2022.

*Jornal do Brasil*, 4 de abril de 1965, p. 20, cols. 4-5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/66709](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/66709). Acesso em: 23 jun. 2022.

*Jornal do Brasil*, 5 de janeiro de 1984, p. 5, col. 4. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/112452](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/112452). Acesso em: 23 jun. 2022.

*Jornal do Brasil*, 6 de dezembro de 1981, p. 38, col. 1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/52211](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/52211). Acesso em: 23 jun. 2022.

*Jornal do Brasil*, 7 de novembro de 1965, p. 22, cols. 5-6. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/76297](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/76297). Acesso em: 23 jun. 2022.

*Jornal do Brasil*, 7 de setembro de 1981, p. 6, col. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/39355](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/39355). Acesso em: 3 jun. 2022.

*Jornal do Brasil*, 9 de maio de 1982, p. 38, "Agenda". Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/70585](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/70585). Acesso em: 23 jun. 2022.

#### ARQUIVO NACIONAL [AN]

*3º Encontro Nacional sobre História da Igreja no Brasil*. 1982. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_vaz/0/0/27134/br\\_dfanbsb\\_vaz\\_0\\_0\\_27134\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_vaz/0/0/27134/br_dfanbsb_vaz_0_0_27134_d0001de0001.pdf). Acesso em: 24 jul. 2022.

*Colégio São Vicente de Paulo*. 1981. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_vaz/0/0/28159/br\\_dfanbsb\\_vaz\\_0\\_0\\_28159\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_vaz/0/0/28159/br_dfanbsb_vaz_0_0_28159_d0001de0001.pdf). Acesso em: 4 ago. 2022.

*Demissões do Colégio São Vicente de Paulo*. 1984. Disponível em: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1888983&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1888983&v_aba=1). Acesso em: 4 ago. 2022.

*Discurso do presidente da República num encontro com lazaristas*. 1956. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_rjanrio\\_eh/0/dso/dis/0361/br\\_rjanrio\\_eh\\_0\\_dso\\_dis\\_0361\\_d0001de0001.mp3](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_eh/0/dso/dis/0361/br_rjanrio_eh_0_dso_dis_0361_d0001de0001.mp3). Acesso em: 24 jul. 2022.

DORIA, d'Escragnoille. As Irmãs da Caridade. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 9 dez. 1933. Localização: 88.101.

*Ficha de distribuição e processamento de documentos*. 1977. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_v8/mic/gnc/aaa/77106268/br\\_dfanbsb\\_v8\\_mic\\_gnc\\_aaa\\_77106268\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/77106268/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_77106268_d0001de0001.pdf). Acesso em: 4 ago. 2022.

*Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1960) no Palácio Laranjeiras: recebe em audiência padres lazaristas*, Rio de Janeiro, RJ. 1959. Disponível em: [https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1348412&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1348412&v_aba=1). Acesso em: 4 ago. 2022.

#### PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR [PJMP]

DOCUMENTO DE MEDELLÍN. Presença da Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II. 1968. Disponível em: [https://pjmp.org/subsidios\\_arquivos/cnbb/Medellin-1968-2CELAM-PORTUGUES.pdf](https://pjmp.org/subsidios_arquivos/cnbb/Medellin-1968-2CELAM-PORTUGUES.pdf). Acesso em: 31 jul. 2022.

### Legislação

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei n.º 5692, de 11 de agosto de 1971*. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5692.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm). Acesso em: 19 ago. 2022.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei n.º 6.683, de 28 de agosto de 1979*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm). Acesso em: 23 jun. 2022.

### Bibliografia

ANDRADE, Mariza Guerra de. *A educação exilada*. Colégio do Caraça. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

AQUINO, Rubim Santos Leão (Entrevista). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 95-114, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21862008000100006>.

- ASSMANN, Hugo. CEHILA: uma nova maneira de estudar a história da Igreja e da teologia na América Latina. *Revista Caminhando*, Universidade Metodista de São Paulo, v. 1, n. 1, p. 65-69, 2009 [1982]. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/download/1506/1532>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- BARROS, José D'Assunção. História e historiografia: todas as interações possíveis. In. BARROS, José D'Assunção (Org.). *A historiografia como fonte histórica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- PIMENTA, Silvério Gomes. *Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana e conde da Conceição*. Marianna, MG: Typographia do Bom Ladrão, 1876.
- PINTO, Jefferson de Almeida. Abrindo as portas da Casa de Rilhafoles: Os lazaristas e o movimento jacobeu em Portugal no século XVIII. *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, v. 12, n. 2, p. 271-295, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15175/1984-2503-202012206>.
- PINTO, Jefferson de Almeida. Os lazaristas e a política imperial – a escola, a assistência e a família. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 32, p. 153-175, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-101X0173209>.
- SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro da. *Diálogos sobre a escrita da história: Brasil e Argentina (1910-1940): ibero-americanismo, catolicismo, cooperação intelectual, (des)qualificação e alteridade*. Brasília: FUNAG, 2011.
- SERBIN, Kenneth P. *Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja Católica no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SMITH, Sean A. Succeeding the Jesuits: the Congregation of the Mission and the Colégio da Purificação in Evora. *Vincentian Heritage Journal*, v. 33, n. 2, 2016. Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/vhj/vol33/iss2/1>. Acesso em: 4 ago. 2022.